

POVO DE DEUS QUE CELEBRA

PEOPLE OF GOD WHO CELEBRATE

*Guilherme Franco Octaviano*¹

*José Aguiar Nobre*²

Resumo: O presente texto pretende refletir sobre a importância de uma constante formação litúrgica das comunidades, a fim de que as pessoas possam, cada vez mais, desempenhar as ações litúrgicas com compreensão do sentido do mistério celebrado. Se trata de uma pesquisa bibliográfica cujo problema de pesquisa ficou assim formulado: como proporcionar uma melhor vivência dos sacramentos ao povo de Deus que celebra? Os objetivos esperados circunscrevem aos anseios da oferta de uma reflexão que possa, a partir de textos recentes do Magistério e interlocutores, podermos oferecer uma reflexão que ajude a comunidade a rezar melhor.

Palavras-chave: Celebração. Mistério. Povo de Deus. Liturgia. Formação.

Abstract: The present text intends to reflect on the importance of a constant liturgical formation of the communities so that people can, more and more, perform the liturgical actions with understanding of the meaning of the celebrated mystery. It is a bibliographical research whose research problem was formulated as follows: how to provide a better experience of the sacraments to the people of God who celebrate? The expected objectives are limited to the aspirations of offering a reflection that can, from recent texts of the Magisterium and interlocutors, be able to offer a reflection that helps the community to pray better.

Keywords: Celebration. Mystery. God's people. Liturgy. Training.

Introdução

Pelas ações litúrgicas, a Igreja continua a obra salvadora de Cristo e, por meio de sinais sensíveis, gestos, orações e cantos, opera a santificação de todos os batizados e batizadas. Por ela, torna-se presente o Mistério Pascal de Cristo. O termo “liturgia” vem do grego *leitourgia* e significa “ação do povo, para o povo, ou comunitária” (CELAM, 2005, p.15). O Diretório Diocesano de Liturgia, publicado pela Diocese de Santo André (SP) afirma que “a liturgia da Igreja não é um conjunto de ritos desconexos e nem preservação de costumes antigos, mas é a edificação da comunidade que celebra” (Diocese de Santo André, 2018, n.4).

¹ Mestrando em Teologia (PUC-SP). Bacharel em Filosofia (UNIFAI) e em Teologia (PUC-SP). Sacerdote incardinado na Diocese de Santo André/SP. Exerce os ofícios de Pároco e de coordenação da Comissão Diocesana de Liturgia. E-mail: guilherme.138@gmail.com

² Doutor em Teologia (PUCRJ); Doutor em Filosofia (UFPR). Mestre em Educação (PUC-Campinas). Docente da Faculdade de Teologia na Graduação e Pós-Graduação. E-mail: nobre.jose@gmail.com

O Concílio Vaticano II, por meio da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, incentivou uma grande reforma litúrgica, levada a cabo nos anos seguintes ao concílio. E o Povo de Deus, carente de constante formação e esforços, sempre obedecendo ao dinamismo da história, para que a reforma seja aplicada ainda nos dias de hoje. Diz o documento:

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro (...) quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta (...). Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai. Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto público integral. Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja (SC, 7).

O Concílio resgatou a compreensão da liturgia e seu lugar na autoconsciência da Igreja. A compreensão da liturgia está totalmente ligada à compreensão da Igreja. Por ser atividade da Igreja, pela liturgia, a Igreja, sacramento de Cristo (cf. LG, 1), vive genuinamente a sua vocação. Para se compreender este aspecto da vida e da missão do Povo de Deus, o presente texto vai abordar a noção de celebração e aplicá-lo a partir das orientações do Papa Francisco na *Desiderio Desideravi*.

1. A celebração: ação da Igreja Povo de Deus

A Igreja, que se configura e se organiza como Povo de Deus, expressa sua missão de várias formas. Uma delas, tida como fonte e ápice de sua vida e de sua missão, é a dimensão litúrgico-celebrativa (cf. SC, 10). O Povo de Deus celebra. Vale ressaltar que o Povo de Deus é formado não apenas pelos leigos e leigas, mas por todos aqueles que recebem no batismo a adoção filial de Deus, em Jesus Cristo. A liturgia é obra da Igreja como um todo e seus frutos podem ser colhidos por todos os membros do Povo de Deus,

cada um a seu modo, “conforme a diversidade de ordens, dos ofícios e da atual participação” (SC, n.26). Por ser celebração da Igreja, ela é, de per si, comunitária, caracterizada pela participação plena, consciente e ativa dos fiéis, capazes de realizar suas funções a fim de que a ação litúrgica transcorra com decoro e nobre simplicidade.

A celebração do mistério pascal é a liturgia transformada e vivida como ação. “A celebração é uma categoria fundamental para definir a liturgia como ação representativa e atualizadora do mistério de Cristo e da história da salvação” (MARTÍN, 2022, p.150). Etimologicamente, “celebrar” tem a mesma raiz do verbo “frequentar” e do adjetivo “célebre”. Célebre não é apenas o lugar onde as pessoas frequentam e se reúnem, mas também o acontecimento em si. Unido à dimensão da fé, “celebrar” tem a ver com “convocação” (*ekklesia*): logo, a Igreja é Igreja quando, reunida, celebra.

Quando o Povo de Deus se reúne para celebrar, ele, na verdade, abre espaço para que o divino se encarne na realidade e a absorva, de modo que o Mistério Pascal, base da fé, se atualize no hoje da vida da Igreja (dimensão memorial da fé e da celebração). A epifania do divino na realidade atual e concreta não é uma mágica, mas uma iniciativa da Igreja, que, por meio de sinais e símbolos, invoca ao Pai, por Cristo, no Espírito, tornando presente a Palavra proclamada e, conseqüentemente, a palavra dirigida, sob o impulso do Espírito. Além disso, toda vez que a Igreja celebra, ela anuncia o Mistério Pascal e antecipa a plena posse dos dons salvíficos reservados para a plenitude do Reino de Deus (cf. SC, n.8).

A celebração, ação de Cristo Cabeça e Igreja Corpo, tem uma dimensão ritual. A ritualidade da liturgia é expressa pela ação de transformar palavra em acontecimento concreto. Esta ação é misteriosa, ou seja, torna-se fonte perene de significação, a ponto de se estender por todos os aspectos da vida dos sujeitos eclesiais. Nesse sentido, é importante resgatar o sentido da liturgia e da celebração cristã, não apenas como vivência de um ritualismo exterior, mas como acolhimento da ação salvífica de Deus na Igreja e no mundo.

2. *Desiderio Desideravi* e a “arte de celebrar”

Em sua carta *Desiderio Desideravi*, o Papa Francisco chama a atenção para a necessidade do resgate do sentido da Liturgia. Após os contributos do Concílio em favor do resgate da liturgia como celebração do povo de Deus e da autoconsciência da Igreja como comunhão e participação, a Igreja vivenciou décadas de busca da compreensão e

do amadurecimento deste sentido: houve momentos de uma criatividade desmedida, houve momentos de resgate de práticas e tradições que não mais faziam sentido. O hoje da liturgia da Igreja deve girar em torno de “redescobrir, custodiar e viver a verdade e a força da celebração cristã e suas necessárias consequências na vida da Igreja” (*Desiderio Desideravi*, 16).

Em primeiro lugar, é preciso retirar da liturgia os resquícios do mundanismo espiritual, abordado pelo papa na *Evangelii Gaudium* (cf. 93-97). Esse mundanismo espiritual consiste na vivência do *neognosticismo* e do *neopelagianismo*. O *neognosticismo* reduz a fé a um subjetivismo. Nos últimos tempos, verifica-se uma crescente individualização da fé cristã, e isso se reflete no modo de celebrar: a grande variedade de formas de celebrar numa mesma Igreja, a associação da celebração eucarística a determinados grupos, pastorais e movimentos, o caráter subjetivista de cantos não litúrgicos empregados nas celebrações, a falta de comprometimento pastoral, etc. Vale recordar que “a ação litúrgica é um encontro comunitário de toda a Igreja: Cristo, que é a cabeça, e o seu corpo, que são os ministros e os cristãos leigos e leigas. Por isso, é evidente que o encontro tem caráter comunitário, pois realizar uma ação litúrgica exige que o Povo de Deus esteja reunido em assembleia” (ASLI, 2022, p.92). Desprezar o caráter comunitário da celebração cristã é desprezar a própria liturgia em si. A celebração não pertence ao indivíduo, tampouco a um grupo específico, mas a toda a Igreja. Ao observar os textos eucológicos da celebração, percebe-se o seu caráter comunitário. Tudo que seja contrário a isso, segundo o Papa Francisco, é demoníaco. “A Liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um presumido conhecimento individual do mistério de Deus, mas nos leva pela mão, juntos, como assembleia” (*Desiderio Desideravi*, n.19).

Do mesmo modo, é preciso purificar a liturgia de tudo aquilo que designa o *neopelagianismo*, pelo qual a salvação é compreendida como resultado do esforço pessoal do crente. Numa religiosidade de aparências, não raro se percebe uma vivência da lei pela lei, de modo que os sacramentos são instrumentalizados. A celebração cristã, por outro lado, não é uma conquista do Povo de Deus, tampouco a Eucaristia é o prêmio para alguns, mas, pela liturgia, proclama-se a gratuidade do dom da salvação recebido na fé. Afirma Francisco que “a liturgia nada tem a ver com um moralismo ascético: é o dom da Páscoa do Senhor que, acolhido com docilidade, faz nova a nossa vida” (*Desiderio Desideravi*, n. 20).

Ao pensar em redescobrir o sentido da liturgia, a partir do que a *Sacrosanctum Concilium* afirma, não se deve buscar um esteticismo ritual e um apego rubricista. Do

mesmo modo, não se pode conceber a reforma litúrgica como o precedente para uma banalidade desleixada ou mera superficialidade. A busca do povo de Deus deve ser pelo cuidado com todos os aspectos, como espaço celebrativo, tempo litúrgico, gestos, palavras, vestimentas, cantos, e na atenção aos ritos, mas somente isso não é suficiente.

O Papa Francisco ressalta que há, no sujeito contemporâneo, a perda da capacidade de se confrontar com a ação simbólica, tão presente na liturgia. Por isso, caiu-se no erro de explicar conceitualmente todos os símbolos e de criar tradições novas, que nada têm a ver com o sentido dos sacramentos. Atualmente, nas reuniões e formações das pastorais litúrgicas, a liturgia é vista não como fonte da vida e da missão da Igreja, mas como um problema a ser resolvido, resumido pelo que se pode ou não se pode realizar. O fulcro da questão é eclesiológico. Certamente, a consciência da Igreja como Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo, pela qual, por meio do Batismo, se vive a comunhão e a participação, também está comprometida pela concepção de outros cenários de Igreja que não estão em comunhão com a eclesiologia conciliar. Como expressão da Igreja, se não há uma reta compreensão do seu eu-ecclesial, não haverá, conseqüentemente, uma reta compreensão do sentido da celebração cristã.

Para crescer na capacidade de viver a ação litúrgica em plenitude, o Papa afirma a necessidade de uma séria e vital formação. E tal formação é proposta pelo papa a partir do seguinte caminho: formação para a liturgia e formação pela liturgia (cf. *Desiderio Desideravi*, n.34). A formação para a liturgia, iniciada pelo Movimento Litúrgico do século XX, consagrado pelo Concílio, precisa ir além do ambiente acadêmico e chegar a todo fiel. Muitos fiéis leigos e leigas não têm a mínima noção do sentido dos gestos e dos textos eucológicos da celebração, por exemplo. Para conduzir a assembleia, primeiramente o presidente da celebração, o pastor da comunidade, precisa conhecer o caminho. A partir disso, é possível abrir-se para ser formado pela liturgia. “A plenitude de nossa formação é a conformação com Cristo (...). Essa é a finalidade para a qual foi concedido o Espírito cuja ação é a de, sempre e unicamente, compor o Corpo de Cristo” (*Desiderio Desideravi*, n.41). A liturgia glorifica a Deus porque possibilita a todos ver Deus nela.

A chamada “arte de celebrar”, compreendida à luz do sétimo parágrafo da *Sacrosanctum Concilium*, consiste na observância dos ritos, não com um fim em si mesmos, mas de modo que estejam a serviço de uma realidade maior. Afinal, na liturgia dos sacramentos, os símbolos são sinais visíveis que apontam para uma realidade invisível. A arte de celebrar precisa estar unida à ação do Espírito Santo, para não se cair

num exteriorismo ou num rubricismo. A arte de celebrar não permite, portanto, improvisos. Comparando à atitude do artista, que é possuído pela arte, o papa fala que a técnica não é o bastante, mas “é necessária uma diligente dedicação às celebrações, deixando que a própria celebração nos transmita a sua arte” (Desiderio Desideravi, n.50). A arte de celebrar carece também da consciência da força da assembleia: “fazer todos o mesmo gesto, falar todos juntos com uma só voz, transmite aos indivíduos a força de toda a assembleia” (Desiderio Desideravi, n.51).

Faz parte da arte de celebrar o silêncio litúrgico. Ele não é um refúgio intimista, mas abertura e espaço para a ação do Espírito. Diz o Papa:

o silêncio move ao arrependimento e ao desejo de conversão; suscita a escuta da Palavra e a oração; dispõe à adoração do Corpo e do Sangue de Cristo; sugere a cada um, na intimidade da comunhão, o que o Espírito quer realizar na vida para nos conformar ao Pão partido. Por isso, somos chamados a realizar com extremo cuidado o gesto simbólico do silêncio: é nele que o Espírito nos dá forma (Desiderio Desideravi, n.52).

Não se pode prescindir também dos gestos e posições do corpo. A arte de celebrar abarca interiorização profunda de todos os gestos, e não apenas realizá-los como expressão corporal externa e automática. Não faz sentido reverenciar o corpo se o coração não assume também esta atitude. Isso recorda a compreensão espiral do ano litúrgico. Ora, o ano litúrgico não transcorre numa dimensão linear, mas espiral, ou seja, a cada Páscoa, por exemplo, o indivíduo está diferente, num lugar diferente, num momento diferente da sua vida.

O papel dos presbíteros e demais presidentes da celebração é preponderante na vivência da arte de celebrar. Muitos membros da assembleia celebrante se espelham em seu pároco. Nesse sentido, os presbíteros precisam superar o personalismo exacerbado, que geram o que o papa chama de “mau-trato” à assembleia.

Eis uma possível lista de atitudes que, embora sendo opostos entre si, caracterizam a presidência de modo certamente inadequado: rigidez austera ou criatividade exagerada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; precipitação apressada ou lentidão acentuada; descuido negligente ou excessiva minúcia; excessiva afabilidade ou impassibilidade hierática (Desiderio Desideravi, n.54).

No caminho da formação litúrgica, também o presbítero é chamado a deixar-se formar pela liturgia para a presidência, pela qual, “no novo ethos da presidência litúrgica,

o presbítero é chamado a ajudar a assembleia a fazer sua oração da Igreja” (BOSELLI, 2017, p.126). A presidência forma o presbítero pelas palavras e pelos gestos que a liturgia coloca em sua boca e em suas mãos. O papel do presbítero que preside a Celebração Eucarística é: ser reflexo da humildade do Senhor, que serve; não roubar a centralidade do altar, mas agir com o coração contrito e humilde; ter consciência de que ele é um entre os demais, que também se reconhece pecador e suplica a misericórdia de Deus.

3. Os desafios da espiritualidade litúrgica hoje

Como já apontamos neste nosso trabalho, um dos grandes desafios colocados à Igreja pela *Sacrosanctum Concilium* foi aquele de promover a participação ativa, consciente, frutuosa e plena de todos os cristãos na liturgia (SC, n. 14). À primeira vista o apelo pode até parecer fácil, todavia, na prática, ele se apresenta como um grande desafio, que exige da comunidade eclesial uma conversão pastoral.

Aos nos propormos falar sobre os desafios que se apresenta à espiritualidade litúrgica hoje, ao menos em mente nos vem quatro aspectos. São eles: recuperar a força catequética da liturgia, estabelecer o diálogo entre liturgia e vida pastoral, recuperar a relação frutuosa entre liturgia e piedade popular e, por fim, criar e animar a pastoral litúrgica.

Nos últimos tempos temos escutado falar sobre a força evangelizadora que a liturgia assume as nossas assembleias através de ritos e preces. Como já apontamos, as partes de uma ação litúrgica, bem como os textos que a acompanham são sempre a tradução daquilo que somos chamados a viver como comunidade eclesial. O cuidado com os gestos, os símbolos e os conteúdos de uma ação litúrgica não se dá apenas na observância das rubricas, mas em resguardar o conteúdo que a própria liturgia transmite e que ajuda formar a consciência da assembleia que celebra. A catequese litúrgica, promovida pela vivência de uma autêntica espiritualidade cristã, nos desperta para uma vida segundo o evangelho. Hoje, em muitas de nossas celebrações, constatamos uma excessiva preocupação com o estético e o jurídico em detrimento da força transformadora do conteúdo teológico da celebração. Mas do que nunca, entendemos que se faz necessário recuperarmos um equilíbrio que nos ajude a entender que a harmonia de uma celebração não está apenas na observação dos ritos e preces, mas na capacidade da assembleia captar a força transformadora das ações litúrgicas.

Contra todos os preconceitos e atitudes repressivas, que condenam a espiritualidade como se fosse privilégio de grupos elitistas ou como dimensão acidental do cristianismo, já penetrou na consciência eclesial a certeza de que ‘todos os fiéis’ de qualquer estado ou condição, são chamados à plenitude e perfeita caridade. O cristão não pode limitar-se à prática do cristianismo em escala reduzida, baseado na observância dos preceitos; sabe que é chamado a viver plenamente a vida do Espírito, seguindo a vocação à santidade, o que significa tornar-se espiritualmente maduro (FIORES, 2003, p. 345).

Em outras palavras, a prática da força catequética da liturgia possibilita ao crente uma busca constante para alcançar este lugar tão sonhado de uma maturidade cristã. Isso se dá na medida em que os horizontes de sua vocação vão se alargando e a purificação humana se efetiva em processo. Processo esse que é dinâmico, sinuoso e aberto à novidade de Deus, em cujo diálogo e encontro tem o seu nascedouro.

Um outro desafio que se apresenta à espiritualidade litúrgica é o do estabelecimento do diálogo entre liturgia e vida pastoral. Na liturgia, celebramos a vida da comunidade. Nela chegamos com as nossas alegrias e tristezas. Por isso, toda ação litúrgica deve ser expressão de uma Igreja que caminha com todos os seus filhos e filhas. Por meio das ações litúrgicas, a Igreja vive a experiência de ser um hospital de campanha, no cuidado dos seus filhos. Através da liturgia, a Igreja forma os seus filhos para a experiência de uma comunidade eclesial em saída, que sabe visitar as periferias existências e reais de nosso tempo. O diálogo entre liturgia e pastoral auxilia a Igreja a tomar consciência da vocação missionária, e da sua tarefa de ser sacramento de salvação no mundo laical.

Apesar de se notar uma maior participação de muitos ministérios laicais, esse compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenho real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral (*Evangelii Gaudium*, n. 102).

No elenco dos desafios que se apresentam à espiritualidade litúrgica nos deparamos ainda com a necessidade de um estabelecimento salutar do diálogo entre liturgia e piedade popular. A *Sacrosanctum Concilium* nos recorda que a vida espiritual da Igreja não se exaure na sua liturgia. O documento conciliar nos alerta que existem outros elementos que alimentam a espiritualidade cristã.

Na Última Ceia, na noite em que foi entregue, o nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de Seu Corpo e Sangue. (...), sinal de unidade, vínculo de caridade, (...). Por isso a Igreja como diligente solícitude zela para que os fiéis não assistam a este mistério da fé como estranhos ou espectadores mudos. Mas cuida para que bem compenetrados, (...), dia a dia, se aperfeiçoem na união com Deus e entre si, para que, finalmente, Deus seja tudo em todos (SC, nn. 47-48).

Aqui encontramos o caminho para a construção de um diálogo entre piedade popular e liturgia. A piedade popular nos últimos anos vem ocupando as páginas das reflexões engendradas pela ciência litúrgica, pois pouco a pouco a Igreja vai reconhecendo a sua força de evangelização. Isto se dá pelo reconhecimento de que nela Deus também se manifesta ao seu povo e o conduz a celebração da liturgia como momento culminante de uma experiência de fé.

Por fim, um último desafio, sem a pretensão de exaurirmos o tema, seria aquele da valorização da Pastoral Litúrgica. A comunidade cristã deve ser cada vez mais formada para a vivência madura da fé. Um dos caminhos formativos é a própria liturgia. Por isso, mais do que nunca faz-se necessário pensar uma Pastoral Litúrgica, que não se encarregue apenas de preparar as celebrações, mas que em primeiro lugar prepare o povo Deus para uma participação ativa na celebração. Enquanto a liturgia pertence ao ser da Igreja, a Pastoral Litúrgica está ligada ao seu agir (cf. MARTÍN, 2022, p.501). Conhecer o mistério que celebramos nos ajuda a amá-Lo e a encontrar n'Ele o sentido de toda a nossa vida cristã.

As mudanças rápidas e profundas da sociedade e da consciência humana produziram defasagem na espiritualidade, a qual vive uma situação de 'anomia', por haver-se distanciado da piedade tradicional da qual se considera inassimilável por parte da atual sensibilidade religiosa; ela ainda não encontrou, porém, uma forma existencial adequada às novas exigências. Ao tentar expressar toda a riqueza da espiritualidade cristã em termos que se harmonize tato com o Evangelho quanto com a nova cultura, as interrogações se multiplicam indefinidamente: 'como expressar, criativa, mas evangelicamente, a pobreza na dinâmica do desenvolvimento' (FIORES, 1993, p.345).

São muitos os desafios que se apresentam no dinamismo da espiritualidade litúrgica, mas pensamos que estes quatro indicados acima nos ajudam na compreensão da estrada que ainda precisamos percorrer para que a liturgia seja acolhida por nós cristãos como uma fonte de vida espiritual. Se o Espírito é aquele que anima a vida da Igreja, precisamos sempre ter clareza daquilo que nos motiva a viver a fé como profecia de novos tempos. O sentido espiritual da liturgia nos conduz à compreensão de que cada um dos

seus elementos deve ser vivenciado e acolhido, como caminhos seguros, para vivermos em Cristo. A espiritualidade litúrgica é um dos elementos essenciais para o ampliamto da consciência, de que a identidade da comunidade cristã, encontra as suas bases, em Cristo.

Considerações finais

Ao darmos como concluído este capítulo que procurou abordar o sentido da espiritualidade litúrgica, seus desafios e riquezas, temos consciência que qualquer tentativa de conclusão seria ingenuidade, ainda mais se tratando de uma pequena pesquisa de conclusão de curso. E nem é esse o objetivo de esquadrihar exaustivamente cada subitem, uma vez que compreendemos que apenas foram abordados de forma rápida a fim de ficarmos exatamente naquilo que se espera de uma pesquisa desta natureza. Ao recorrer à dimensão do sentido da espiritualidade litúrgica, recorreremos principalmente aos verbetes de alguns dicionários de teologia e do próprio documento *Sacrosanctum Concilium*.

A questão da Liturgia é sempre ampla e, quando nos colocamos a discutir, a tentação é cairmos em longas discussões e exemplos de modo que tomamos todo o cuidado para evitar digressões. Além da questão do sentido, outra dimensão bastante sensível circunscreve-se aos desafios que são tantos. Desde a questão da fidelidade ao ensinamento do próprio magistério concilia para a liturgia, a sua história e acolhida na vida eclesial quanto às exemplificações práticas da ceia da espiritualidade litúrgica. Vale lembrar que um destaque que recorreremos sempre é que a vida da Igreja é nutrida pela Sagrada Liturgia e que a Vida e Presença de Cristo não é uma história do passando, mas uma presença viva de modo que, quando se celebra os sacramentos é o próprio Cristo que os faz presente e, na celebração o Mistério de Deus é atualizado. Não poderíamos deixar de dizer que aqui também foi refletido que a celebração litúrgica é nutrida pela riqueza e beleza da presença dialogal entre Deus e suas criaturas. Dito isto, entendemos que estamos aptos para prosseguirmos a nossa reflexão no capítulo seguinte, durante o qual trataremos sobre a eficiência da comunicação do mistério celebrado.

Referências

- BOSELLI, Gofredo. **O Sentido Espiritual da Liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2017. Coleção Vida e Liturgia da Igreja.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.
- Conselho Episcopal Latino-americano. **Manual de Liturgia 2 – A celebração do mistério pascal: fundamentos teológicos e elementos constitutivos**. São Paulo: Paulus, 2005.
- FIORES, Stefano de. Espiritualidade contemporânea. In. FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. Trad. Augusto Guerra. Isabela Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 193.
- FRANCISCO. **Desiderio Desideravi**: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. 1ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola/Paulus, 2014.
- MARQUES, Luís Felipe C. Associação dos Liturgistas do Brasil. **Atualização Litúrgica 5**. São Paulo: Paulus, 2022.
- MARTÍN, Julían López. **A liturgia da Igreja**: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2022.

Recebido em: 25/04/2023

Aprovado em: 30/04/2023